

# A mudança na Polónia e a integração europeia: Particularidades contextuais da construção da imagem da Polónia em Portugal

OLGIERD SWIATKIEWICZ (\*)

Uma das grandes problemáticas da actualidade é a das recentes mudanças no chamado bloco dos países de Leste. O desmoronamento do bloco e o fim das suas estruturas militares e políticas, apanharam de surpresa até os mais previdentes politólogos e investigadores das áreas afins (Lominski, 1994; S. Smith, 1994). Hoje, a necessidade de um estudo e uma apreensão mais aprofundada deste acontecimento e das suas consequências é invocada por vários investigadores (Garlicki, 1995; Knight & Morgan, 1993; Knudsen, 1994; Kubicka, 1994; Lominski, 1994; S. Smith, 1994; M. Smith, 1994; Szura, 1994; Zalewski, 1994) pertencentes a diversas disciplinas: psicologia, sociologia, ciências políticas, economia, história, etc. Consideram que se devia fazer algo, mas, não se sabe ao certo o quê. Para já, esta problemática ainda não deu origem a estudos significativos.

Uma introdução tão ampla e geral ao problema poderia indicar que fôssemos focar a nossa atenção no nível dos fenómenos e processos su-

pranacionais, ao nível das organizações internacionais tipo União Europeia, NATO, Grupo de Visegrad, etc. De certo modo, esta posição seria fundamentada. O assunto é pois bastante interessante por si só. Existem porém obstáculos de natureza muito variada, que tornariam a análise a este nível muito superficial e especulativa, nomeadamente: a existência de uma multiplicidade de contextos específicos, nacionais, sociais a um nível tão elevado que, às vezes, nem nos damos conta; a impossibilidade de acesso a vários documentos imprescindíveis a uma análise total e, por fim, a falta de certos conhecimentos e a escolha por nós de outras opções – sendo esta última uma questão volitiva. Tendo, porém, sempre como pontos de referência a questão da entrada da Polónia na União Europeia e o processo de mudança iniciado na Polónia em 1989, quedamo-nos mais ao nível das relações bilaterais luso-polacas ou até unilaterais, ou seja relações (com o objecto – a Polónia) vistas de Portugal e mantidas por Portugal. O que nos interessa aqui, é o contexto específico em que são geradas e transformadas as imagens da Polónia. Pois, a contextualização constitui a condição *sine qua non* para a apreensão das representações sociais entendidas de modo particular pelos seus investigadores.

---

(\*) Investigador da Unidade de Investigação em Psicologia Social, ISPA. Membro do Towarzystwo Naukowe Prakseologii (Sociedade Científica de Praxeologia), Varsóvia.

## 1. A MUDANÇA NA POLÓNIA E AS DÚVIDAS QUANTO À INTEGRAÇÃO EUROPEIA

A Polónia e a sociedade polaca sofreram nos últimos cinco anos profundas transformações. As conversações da mesa redonda, na primeira metade de 1989, entre os representantes do partido operário POUP (Partido Operário Unido Polaco) e do governo de então, por um lado, e os representantes do «Solidariedade», da Igreja Católica e dos grupos da oposição, por outro, deram início a mudanças reais em todo o sistema político e socio-económico do país. «A Polónia foi o primeiro país do antigo bloco de Leste a substituir o regime comunista por um sistema democrático.» (East-West..., 1994, p. 23).

Não esquecendo que nenhuma mudança parte do nada, assim também a mudança que ocorreu na Polónia foi precedida de vários processos e acontecimentos que conduziram à ruptura no sistema vigente e possibilitaram o arranque do processo de mudança (Garlicki, 1994). Entre os factores internos do sistema que favoreceram a mudança contam-se: uma longa crise económica cada vez mais profunda, um enorme endividamento externo, o fracasso de reformas económicas, aliás fictícias, na primeira metade dos anos 80, a pauperização da população e a falta de perspectivas por um futuro melhor, a falta de confiança em e de apoio a toda e qualquer acção do governo, uma crescente actividade da oposição e a oposição política da Igreja Católica (Zalewski, 1994). Quanto a factores externos citem-se: a pressão exercida pelos EUA, a intervenção do papa João Paulo II (Almeida, 1992), e, sobretudo, os processos a que Gorbatchev deu início na URSS, conhecidos como «glasnost» e «perestroika» (Kiezun, 1994; Lominski, 1994; Risse-Kappen, 1994).

As mudanças encetadas na Polónia em 1989 deram origem a mudanças nos subsistemas político («o papel condutor do partido operário» deu lugar ao pluralismo político, os governos autoritários foram substituídos por governos democráticos saídos de eleições livres, etc.), económico (o planeamento central da economia deu lugar às leis do mercado, a propriedade do estado começou a ser privatizada, etc.) e social (foi abolida a lei do emprego obrigatório, introduzida durante a vigência da lei marcial; a chamada «igualdade» social deu lugar a uma sociedade de

classes distintamente diferenciadas com todas as suas consequências). As mudanças inerentes ao próprio sistema, decorridas no país e na sociedade polaca são por conseguinte visíveis e palpáveis (Rduch, 1994). Porém, há quem julgue que, na Europa de Leste, inclusivé na Polónia, «...há forças de resistência à ordem capitalista do mundo e, que aí há uma relutância teimosa em admitir que os novos estados têm falta de autonomia...» (M. Smith, 1994, p. 32).

A Polónia, hoje, nas relações internacionais, embora tente estabelecer a Leste relações amistosas, mas de carácter diferente, estreita sobretudo laços de colaboração com os EUA e os países da União Europeia (Osadnik, 1994; Rduch, 1994). Está vivamente interessada em tornar-se membro com plenos direitos da União Europeia e da NATO. De momento, foi assinado a 16 de Dezembro de 1991, o Acordo de Associação da Polónia com a União Europeia, que Portugal ratificou apenas em Outubro de 1993, após a visita do Presidente da Polónia a Portugal. A Polónia está também a implementar os princípios e as directrizes da União para a integração da Polónia na União por volta do ano 2000 (Rduch, 1994). Para além disso, a Polónia já participa nas iniciativas da NATO, nomeadamente, na Parceria para a Paz e noutros movimentos e iniciativas europeias e da Europa Central e de Leste. Mas será que na envolvente externa a Polónia conseguiu alcançar mudanças reais ou será que isto foi apenas uma mudança aparente de comportamento? Pois, tal como escreve Marody (1987) no seu livro intitulado *Technologie intelektu (Tecnologias do intelecto)*: «... a par da falta real de actuação, quando o indivíduo não está interessado num dado valor ou não tem uma dada necessidade, podemos estar perante uma “actuação negativa”, isto é, uma abstenção intencional de actuação que serve como meio de realização de um objectivo e, perante uma “actuação de adiamento” quando o indivíduo está interessado num dado valor ou tem uma determinada necessidade, mas não vê hipóteses ou modos de os realizar». (pp. 248-249)

Doise (1984) menciona três níveis nas relações entre grupos: o nível comportamental, o avaliativo e o representacional. Pressupõe-se que a mudança num destes níveis provocará as mudanças correspondentes nos restantes níveis. De acordo com isto, a mudança no comporta-

mento dos países da União Europeia em relação à Polónia, caso seja real e não aparente, será possível verificar ao nível das representações da Polónia. Não se trata porém aqui, da mudança no próprio objecto de representações. Em certas condições, a mudança no objecto de representação pode ficar sem qualquer reacção por parte do sujeito social da representação e, a própria representação pode permanecer intacta, pois depende em última instância do sujeito e, não do objecto. «... não é a resposta efectiva do parceiro que orienta a estratégia dos sujeitos, mas a representação que estes constroem do tipo de parceiro com quem estão a interagir». (Vala, 1993, p. 357)

Parece até, que a nível representacional podemos ter a informação que antecede e determina os comportamentos, possibilitando prospectivar o seu desenvolvimento (Gaskell, 1990) e, deste modo prevenir a eventual actuação indesejável. «... as representações não podem limitar-se a seguir o desenvolvimento das relações entre grupos, adaptando-se a ele. Pelo contrário, a representação intervém na determinação deste desenvolvimento, antecipando-o activamente.» (Doise, 1984, p. 105)

Caso contrário, estaríamos perante comportamentos aparentes, numa situação que pode ser uma situação de expectativa. Numa situação que necessitaria, caso haja interesse pelo menos de uma das partes, para proceder a uma intervenção. «... a realidade pode ser formada não só através de actuação, mas também através da sua omissão. Não acreditando na possibilidade de alcançar o objectivo, as pessoas abstêm-se de actuar e, desta maneira, tornam estes objectivos de facto irreais.» (Marody, 1987, p. 249)

Entendendo como Henri Tajfel (1982) mudança social como: «... mudança das relações ou relacionamentos entre grupos sociais de grande envergadura, tais como grupos sociais, categorias sociais, grupos raciais, grupos nacionais, etc.» (p. 15), podemos por a questão: será que nas relações entre os países da União e a Polónia existem premissas que nos levam a julgar que ocorreu de facto uma mudança nestas relações? Há quem diga que cinco ou seis anos após o início da transição é pouco para mudar a imagem mantida e divulgada durante quase meio século, mas para os 38 milhões de Polacos já é tempo demais. Sabe-se também que forte impacto na

imagem da Polónia antes da transição teve a contra-propaganda ocidental, justificada naquela altura, pois demistificava a hipocrisia dos regimes comunistas, porém parece que permaneceu até hoje deixando marca em toda a nação e muitas dúvidas no Ocidente. Será então que houve uma mudança real e não aparente? A resposta a esta pergunta pode-nos ser dada através do estudo do senso comum, das representações concretas da Polónia. «Examinando o senso comum obtemos informação não só sobre o que as pessoas gostariam de fazer ou o que consideram apropriado, mas também sobre o que consideram real na esfera das actuações e com isto mesmo o que provavelmente fariam.» (Marody, 1987, p. 249)

As relações da Polónia com o exterior não dependem exclusivamente deste país, mas também do parceiro com o qual se quer estabelecer laços, das representações que o parceiro tem criado sobre a Polónia e de comportamentos simultânea ou sucedaneamente coerentes em relação à Polónia e às suas partes/sub-sistemas, pois, tal como diz um provérbio polaco, numa tradução livre: «a questão está em que os dois queiram a mesma coisa ao mesmo tempo.» Do ponto de vista sociológico, Jan Garlicki (1995) exprime-o do seguinte modo: «Um indicador essencial das mudanças na Polónia e nos outros países da Europa Central e de Leste são os processos de integração no velho continente. Isto também requer mudanças de mentalidade tanto de umas como de outras sociedades. A consciência social é pois um factor cuja influência nos processos de integração será muito importante.» (p. 6)

## 2. O CONTEXTO GERAL DOS ENCONTROS LUSO-POLACOS

As origens civilizacionais e culturais de Portugal e da Polónia, em linhas gerais remontam à mesma tradição – tradição da cultura latina. Em ambos os países a religião dominante é o catolicismo e, a Igreja Católica desempenha neles um papel saliente. Os dois países encontram-se na Europa, Portugal no seu extremo ocidental e a Polónia no centro. Desde o seu início, porém, até aos dias de hoje, nas relações luso-polacas e *vice versa*, podemos observar uma inexistência relativa: «... pode-se dizer que as relações entre os

dois países nunca foram significativas, tanto no passado, quando a sua escassez era a marca mais visível, como no presente, porque, se compararmos as relações que cada um dos países tem com o exterior, as existentes entre Portugal e a Polónia são mínimas.» (Swiatkiewicz, 1993, pp. 1-2). Na opinião de E. Milewska (1991), não havia nenhuma ligação nas relações bilaterais e internacionais entre Portugal e a Polónia até aos finais do século XVII – quando a Europa foi ameaçada pelo império turco. Para tal situação contribuíram ou talvez será melhor dizer não contribuíram várias coisas, onde a mais importante e mais prosaica, foi a falta de interesse mútuo. De entre as principais causas contam-se: o afastamento geográfico que dificultou sempre a existência de íntimas e intensas relações entre ambos os países (Almeida, 1992; Milewska, 1991); os ténues laços diplomáticos (Milewska, 1991); a barreira linguística (Milewska, 1991); a sombra de Espanha que dominava toda a península (Milewska, 1991); e, no que diz respeito à Polónia, a integração desta no «Bloco Soviético» (Almeida, 1992) entre o fim da II Guerra Mundial e o ano de 1989. Nesta sequência exceptua-se um pequeno período de desenvolvimento nas relações luso-polacas decorrentes dos acontecimentos de 25 de Abril de 1974 e imediatos a esta data (Sikorski, 1979).

A sociedade portuguesa não tem, nem nunca teve, para além de poucos casos individuais, uma experiência própria com a Polónia e os Polacos, ou um conhecimento construído em resultado de contactos directos com este país e o seu povo. Do ponto de vista da sociologia do conhecimento, a questão que aqui nos interessa, apresenta-se do seguinte modo: «O homem apercebe-se da totalidade do sistema social e do saber social, e também do seu lugar nele do ponto de vista deste pequeno pedaço da realidade, em que vive, sintonizando as informações obtidas mais ou menos directamente e as definições culturais de vários objectos com as suas próprias experiências. /.../ O modo como tais experiências influenciam o processo de reconstrução da consciência dos parceiros é todavia diversificado. A ordem social assenta em grande medida no facto de as pessoas se atribuírem mutuamente papéis tipologizados, intenções e estados de consciência e esperam simultaneamente que os parceiros lhes atribuam o mesmo. Durante a interacção directa surge um

contínuo confronto do conhecimento com o decorrer real das actuações dos co-parceiros. Nas relações indirectas é substituído pela interdependência dos constructos atribuídos mutuamente. /.../ Logo vê-se que o papel da tipologização é tanto maior, quanto menos tivermos a ver com uma determinada esfera da vida social, quanto menos ela tiver para nós significado práctico.» (Ziolkowski, 1989, pp. 155-156)

Os Portugueses que tiveram ocasião de adquirir a experiência directamente, geralmente relativizam esta experiência ao conhecimento proveniente das suas «pertencas sociais» (Vala, 1993a), «identificações sociais» (Sousa, 1991) ou, como diriam os representantes do interacionismo simbólico – dos seus «grupos de referência» (Shibutani, 1955) e, essas não são polacas, mas portuguesas. Por sua vez «Os grupos de referência /.../ são simplesmente os grupos cujas perspectivas o indivíduo partilha. Para cada indivíduo há vários. Os grupos de referência são grupos a que o indivíduo pode pertencer (grupos de pertença), mas categorias sociais tais como a classe social, o grupo étnico ou a comunidade podem também ser grupos de referência.» (Charon, 1979, pp. 24-25).

Grande parte da sociedade portuguesa possui sobre a Polónia um conhecimento enigmático, um enorme buraco de desconhecimento e/ou ainda uma parte de conhecimento falso ou erróneo. A Polónia e os Polacos não constituem pois centro de interesse para os Portugueses. Isto não significa que a Polónia – o país e o povo, não sejam um objecto pertinente, no sentido que Carugati(1994) ou Vala (1993, 1993a) dão aos objectos de representação. A Polónia é um objecto relevante ou saliente de representação, nem que seja pelo número dos seus habitantes, o contributo que prestou à cultura mundial e desenvolvimento da civilização humana ou, a posição que ocupa no campo internacional. Como porém repara Charon (1979): «Damos importância aos objectos não através de padrões biológicos fixos (como no caso da maior parte dos animais) mas de acordo com o que outros, que nos rodeiam, decidem atribuir importância.» (p. 38). E estes outros em redor, não são Polacos, mas Portugueses. Os Polacos nem sequer são vizinhos dos Portugueses, como o são os Espanhóis; a Polónia não foi colónia portuguesa, nem Portugal colónia polaca, com a qual os

Portugueses estivessem ligados duma ou doutra maneira; a Polónia também não é um parceiro da União Europeia que pudesse contribuir para o aumento do bem-estar dos Portugueses, nem potência, nem «terra prometida», como o são os Estados Unidos para alguns Portugueses. No máximo dos máximos, a Polónia pode ser vista como um concorrente no mercado europeu de téxteis e de mão-de-obra barata. Como escreve M. Ziólkowski (1989): «Na nossa própria área acessível directa ou indirectamente, o fundamento do nosso conhecimento é constantemente confrontado com a realidade dos factos. Noutras distantes – concebemos tudo através de categorias adquiridas socialmente e de estereótipos /.../. À luz de isto vê-se que os estereótipos nascem como resultado da diferença entre dois campos: uma área determinada socialmente da nossa actividade prática (directa ou até indirecta) e de uma área substancialmente maior, com a qual se relaciona o nosso conhecimento – adquirido indirectamente. Este facto não determina obviamente a questão da veracidade ou falsidade nem a questão do colorido emocional do estereótipo assim concebido. Por outro lado, sabe-se que o reconhecimento de determinados estereótipos, frequentemente emocionais – tal como a convicção da superioridade do seu próprio grupo (por exemplo nacional) ou até o fortalecimento do grau de integração interior perante a existência de ameaça externa estereotipada – exerce sempre algumas funções sociais, embora a outro nível...» (pp. 156-157)

Também é importante sublinhar que em Portugal não existe nenhum «lobby» polaco que pudesse tentar influenciar a opinião pública. Portugal nunca foi destino da emigração polaca. Os 200 ou 300 Polacos residentes permanentemente em Portugal não constituem nenhuma fonte de reacções, nem pelo seu número, nem pela sua estrutura e dispersão geográfica. Evidente é pois, que nalguns casos as minorias podem influenciar as maiorias: «... um grupo organizado, tal como a Associação Médica Americana pode combinar os recursos dos seus membros e agir de modo a afectar a direcção de sociedade Americana alargada através de forças de pressão que influenciem legisladores, patrocinando programas de televisão e publicidade com o intuito de influenciar o público e publicando ainda montes de pro-

vas para apoiar os seus interesses.» (Charon, 1979, p. 170).

Pode-se então dizer, que o conhecimento sobre a Polónia em Portugal baseia-se sobretudo na informação indirecta, descontextualizada e socialmente divulgada. A fonte principal de construção deste conhecimento são as imagens lançadas pelos meios de comunicação social. Daí também que a imagem da Polónia em Portugal depende, em grande parte, da particularidade dos meios de comunicação portugueses. Está por eles condicionada em sentido duplo – universal (enquanto meio no sentido de McLuhan) e, particular (enquanto mensagem, dependente da especificidade da língua, da cultura e da ideologia do povo que a produziu).

### 3. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: FACTOR DETERMINANTE

As fracas relações bilaterais entre Portugal e a Polónia, que já apontamos, fazem com que a informação sobre o objecto de representação chegue a Portugal, principal e maioritariamente através de meios de comunicação social. Pois o conhecimento sobre a Polónia, na sua maioria não é adquirido através da experiência própria e/ou observação da realidade. Esta vivência não é uma vivência directa. É uma vivência possível apenas graças à existência dos meios de comunicação social.

Os meios de comunicação social podemos, grosso modo e para os fins desta análise dividir em dois grupos, de acordo com Munne (1993): os meios de carácter impresso ou gráfico (a imprensa escrita – diária e não diária; os livros; a banda desenhada; as pinturas tipo «grafitti»; os folhetos; os posters; as capas de discos; as cartas etc.) e, os meios auditivos e/ou visuais (a rádio; a fotografia; o cinema; o teatro; a televisão; o vídeo; os discos – convencionais e os «compact discs»; os meios informáticos – «PC», portáteis, fax, correio electrónico, etc.).

Não vamos debruçar-nos aqui sobre a importância, as características e a influência social de cada um destes meios. É óbvio que variam consoante o contexto social, a época histórica, etc., pois «... os efeitos dos meios dependem do uso que a audiência faz destes meios» (Munné, 1993, p. 42).

Apesar das diferenças e características próprias de cada um dos meios, em Portugal, como noutros países europeus, e não só, as audiências da televisão, nos últimos decénios ultrapassaram significativamente as audiências de outros meios, verificando-se, ao mesmo tempo, crise ou queda de interesse junto do público de vários deles, como é o caso do cinema ou teatro. O desenvolvimento dos meios informáticos, cada vez maior aderência às redes tipo «Internet» e outras, pode no futuro ter o mesmo impacto na sociedade, que tem agora a televisão, que ainda há trinta anos atrás estava ao alcance de poucos e, por conseguinte, com audiências inferiores às da imprensa ou da rádio, (Seara, 1968; Munné, 1993).

Juntamente com a televisão, a rádio e a imprensa constituem os três mais importantes meios de comunicação social nas sociedades modernas. Como podemos concluir com base num estudo realizado em 1992 na Espanha (Munné, 1993), os meios percebidos como de maior influência foram: a televisão (66% de respondentes), a rádio (60%) e a imprensa (55%). Não podemos porém esquecer que a televisão, apesar de ser o meio percebido como o mais influente, compreensível, completo, útil, informativo, etc., é também acusada de provocar efeitos negativos na sociedade: 79% de Espanhóis acusa a televisão de que se fala cada vez menos na família, 65% acha que as novas gerações serão mais introvertidas e incultas (Munné, 1993). Por outro lado, os dados são contraditórios quanto à influência exercida pelos meios (Munné, 1993).

No que diz respeito ao grau de credibilidade destes três meios de comunicação social, Munné (1993) repara que os dados de dois recentes estudos levados ao cabo em Espanha foram um pouco imprevisíveis e incongruentes. Num destes estudos, a rádio é considerada como o meio mais veraz (30%), a seguir a televisão (29%) e, por fim, a imprensa (20%). Noutro, o primeiro lugar continua a ser ocupado pela rádio, que é agora considerada muito mais credível do que anteriormente (52%), o segundo já cabe à imprensa (36%) e, o último, à televisão (26%). Com base nos resultados de estudos de outros países (Munné, 1993), a maior credibilidade é atribuída à imprensa. E a imprensa também é o

meio em que mais confiam os investidores publicitários (Munné, 1993).

A televisão, rádio e outros meios auditivos e audiovisuais têm uma vantagem e, ao mesmo tempo, desvantagem sobre, por exemplo a imprensa. A emissão e a recepção são praticamente simultâneas. Por sua vez a imprensa, popularmente chamada de «quarto poder» possui também certas vantagens sobre os outros meios de comunicação social: o leitor pode ler quando lhe apetece ou quando pode, começando por onde quiser e, ao ritmo que quiser; pode repetir a leitura daquilo que o mais interessa ou do que não entende e, voltar ao mesmo tantas vezes quantas forem precisas; a leitura pode ser mais complexa e mais profunda sobretudo das questões ou assuntos mais complexos ou difíceis que exigem aprofundamento; a imprensa permite dirigir-se a públicos especializados, permite também situar a notícia dentro de um marco de referência adequado, ilustrando-a com detalhes complementares que fazem a mensagem mais compreensível (Klapper, 1961; Seara, 1968; Munné, 1993). De igual modo, desde Klapper até Seara e Munné mantém-se a tese de que a imprensa parece ser o meio de comunicação social que goza de maior prestígio.

Frederic Munné (1993) chama atenção para várias contradições criadas pelos meios de comunicação social. Mas uma delas parece ter um relevo especial, nomeadamente a construção da imagem duma sociedade uniforme e diversificada ao mesmo tempo. Citemos: «Os meios distribuem, sem coordenação “central” alguma múltiplas imagens, interpretações e reconstruções que competem entre si. A meu ver, a realidade é que se dão ambos os fenómenos: a concentração de meios é uma evidência como também o é a pluralidade de posições, o que gera uma situação internamente contraditória» (Munné, 1993, p. 41). Mlicki (1988), porém considera, que, quase em cada sociedade, o grupo que possui o poder, controla (directa ou indirectamente) as informações transmitidas a toda a sociedade.

Outra questão importante, e que Seara (1968) já há vários anos dava conta era a concorrência *versus* complementariedade de diversos meios de comunicação social. Aqui estamos perante mais uma contradição, porém, muito mais do que concorrenciais, os diferentes meios de comunicação social são meios complementares,

que completam e aprofundam o conhecimento. «Os estudos demonstram que cada meio de comunicação estimula o interesse pelos outros: compra-se um periódico para obter as notícias mais detalhadas sobre aquilo que se tem falado na rádio, para ver o programa dos cinemas ou da televisão, para ler uma “história” da qual se viu uma adaptação cinematográfica.» (Seara, 1968, p. 155).

No que diz respeito, em particular, à situação da imprensa escrita em Portugal, de acordo com Luís Garcia e José Castro (1993), o processo de transição, iniciado nos finais dos anos setenta na imprensa, chegou ao fim, tendo dado início a uma nova fase: o tradicional jornalismo opinativo e partidário, que reinou após o 25 de Abril de 1974 como resposta a longa vigência da censura no tempo da ditadura, foi ultrapassado e substituído por uma imprensa de qualidade, de perfil europeu e de tipo informativo. Quanto à questão do desenvolvimento da imprensa diária e dos semanários registam-se grandes diferenças. A imprensa diária encontra-se em crise desde 1976, inversamente os semanários ainda hoje estão em expansão relativamente contínua (Garcia, & Castro, 1993).

No Portugal actual, as principais fontes de informação sobre a Polónia são os três meios de comunicação social: a televisão, a imprensa e a rádio. Através destes três meios, a informação, que veicula os conteúdos concretos sobre a Polónia, abrange um público maior, atingindo o nível colectivo ou social e não apenas individual ou de estreitos círculos de pessoas.

Os outros meios, enquanto fontes de informação sobre a Polónia, constituem acontecimentos esporádicos e têm apenas um papel marginal na construção social da imagem da Polónia. O filme, por exemplo, apesar de conhecido (é conhecida a escola polaca de filme, porém num âmbito muito estreito de pessoas), raramente chega aos cinemas portugueses. Pouco tempo depois aliás, passa ao pequeno écran. Os filmes polacos que surgem em Portugal, na sua maioria, não são pois filmes do tipo «comercial». Por sua vez, a emissão na televisão geralmente tem lugar no segundo canal da televisão portuguesa, que tem a menor audiência de todos os canais da televisão em Portugal e, ainda por cima, a horas de menor audiência. Os espectáculos de teatro polaco são ainda menos frequentes (apesar de se-

rem conhecidos os teatros de Szajna, Kantor e outros). Os espectáculos teatrais já não chegam ao écran televisivo, como é o caso dos filmes.

Por outro lado, as opiniões, os comentários e as resenhas sobre os filmes e os espectáculos teatrais, ou ainda mais raras exposições de arte ou concertos, podem-se encontrar na imprensa – nas partes dedicadas às actividades culturais. A relativa frequência com que surgem resenhas sobre os eventos culturais de origem polaca, muitas vezes, não é acompanhada pela qualidade devida dos textos, e pelo conhecimento de causa. A título de exemplo cite-se: em várias notas sobre o mesmo filme, o autor ou autores destas notas, provavelmente já cansados de escrever tantas vezes sobre o mesmo filme, após as primeiras notas muito positivas, de repente mudam de posição e começam a criticar retirando qualquer valor à obra, para, no fim voltar a aplaudir o mesmo – *Moonlighting* de Jerzy Skolimowski (*Expresso*, 1984.05.26; 1984.08.18; 1984.08.25; 1984.09.01; 1984.09.08).

Também são poucos, os livros polacos traduzidos para português, e ainda menos conhecidos, pois editados em tiragens muito limitadas. As traduções são geralmente fracas ou mesmo recorre-se às adaptações. Finalmente tanto os filmes e as peças teatrais como os livros são traduzidos de outras línguas e não directamente do polaco. Isto faz com que o conhecimento seja duplamente mediatizado, primeiro pelo meio (o filme, o teatro, o livro) e, segundo pela língua estrangeira.

O que resta então, são os três principais meios de comunicação social: a televisão, a rádio e a imprensa, com as suas vantagens e desvantagens. Estes meios também diferem significativamente entre si, quanto à informação sobre a Polónia.

Na televisão portuguesa, a informação sobre a Polónia surge muito mais raramente, do que na imprensa escrita, porém é mais frequente ou mais ampla do que na rádio. Todos estes meios usufruem principalmente da mesma fonte de informação sobre a Polónia – notícias das agências de imprensa (LUSA, AFP, PAP, Reuter, etc.). Nenhum destes meios possui correspondentes residentes na Polónia, mas a imprensa escrita envia os correspondentes com muito maior frequência, do que os outros meios. E o que parece mais importante, grande parte da informação sobre a Polónia na televisão portuguesa (grandes repor-

tagens, comentários, etc. – em geral, a informação mais ampla e com aspecto avaliativo) é transmitida e comentada pelos jornalistas que, trabalham ao mesmo tempo para a imprensa portuguesa, ou trabalharam, como é o caso de Santos Pereira. Isto rescinge-nos a uma certa uniformidade na formação da opinião pública neste aspecto. O que surpreende e chama a atenção, durante a análise dos textos escritos, é que, os jornalistas conhecedores dos assuntos polacos, várias vezes, confundem coisas básicas. Por exemplo, a cidade de Nowa Huta (situada no sul da Polónia, símbolo da luta contra o comunismo) é equivocada com a Siderurgia de Varsóvia (um dos lugares das greves do «Solidariedade» nos anos 80 na Polónia): «... um operário da Nova Huta de Varsóvia...» (Expresso, 1984.12.29, p. 1). Isto é como se fosse, confundir a *Grândola, Vila Morena...* da canção de Zeca Afonso com a prisão do Tarrafal.

Todos estes factores, incluindo a falta de conhecimento suficiente por parte dos jornalistas, perante a informação relativamente frequente nos meios de comunicação social, influenciam o ambiente específico em que se edificam e reconstroem as imagens da Polónia. O conhecimento destes factores é indispensável para o estudo de imagens ou representações concretas de qualquer país, neste caso da Polónia. O seu conhecimento indica-nos os mecanismos específicos que gerem o funcionamento das imagens, como também as possibilidades da intervenção eventual.

Deve-se ter em conta, o que não foi mencionado aqui, que a situação varia consoante a época ou o momento histórico, mas esta questão é demasiado vasta para ser apresentada neste lugar. Não podemos também deixar de invocar o papel da língua e dos hábitos linguísticos específicos, porém este assunto, abordaremos num texto dedicado a questões teóricas.

#### BIBLIOGRAFIA

- Almeida, L. F. (1992). Portugal e a Polónia. In Imagem da Polónia. *Catálogo de exposição* (Vol. 39, pp. 9-16). Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Carugati, F. F. (1994). Everyday ideas, theoretical models and social representations: The case of intelligence and its development. In G. R. Semin, & K. J. Gergen (Eds.), *Everyday understanding: social and scientific implications* (pp. 130-150). London: Sage Publications.
- Charon, J. M. (1979). *Symbolic interactionism. An introduction, an interpretation, an integration*. New York: Prentice-Hall, Englewood Cliffs.
- Doise, W. (1984). *A articulação psicossociológica e as relações entre grupos*. Lisboa: Moraes Editores.
- East-West Report Extra (1994). Bank Austria, 1. *Expresso*, 1984.05.26, 1984.08.18, 1984.08.25, 1984.09.01, 1984.09.08, 1984.12.29.
- Garcia, L., & Castro, J. (1993). Os jornalistas portugueses: Da recomposição social aos processos de legitimação profissional. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 13, 93-114.
- Garlicki, J. (1995). *Spoleczenstwo przyszlosci: Reformy systemowe i perspektywy kraju w swiadomosci mlodego pokolenia Polakow*. Warszawa: Instytut Studiów Politycznych PAN.
- Gaskell, G. (1990). Collective behavior in a societal context. In T. Himmelweit, & G. Gaskell (Eds.), *Societal psychology* (pp. 252-272). Newsbury Park: Sage Publications.
- Kiezun, W. (1991). *Management in socialist countries – USSR and Central Europe*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Klapper, J. (1961). The comparative effects of the various media. In W. Schramm (Ed.), *The process and effects of mass communication*. Urbana: University of Illinois.
- Knight, D., & Morgan, G. (1993). Organizational theory and consumption in a post-modern era. *Organizational Studies*, 14 (2), 211-234.
- Knudsen, O. F. (1994). Context and action in the collapse of the cold war european system: An exploratory application of the agency-structure perspective. In W. Carlsnaes, & S. Smith (Eds.), *European foreign policy: The EC and changing perspectives in Europe* (pp. 202-222). London: Sage Publications.
- Kubicka, M. (1994). Wspolpraca subregionalna krajow Europy Srodkowo-Wschodniej na nowym etapie integracji europejskiej. In J. Przewlocki, & T. Rduch (Eds.), *Polska a przemiany wspolczesnej Europy: Z zagadnien miedzynarodowych* (pp. 77-97). Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Slaskiego.
- Lominski, J. P. (1994). Rozpad bloku radzieckiego w Europie. In J. Przewlocki, & T. Rduch (Eds.), *Polska a przemiany wspolczesnej Europy: Z zagadnien miedzynarodowych* (pp. 9-22). Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Slaskiego.
- Marody, M. (1987). *Technologie intelektu: Jezykowe determinanty wiedzy potocznej i ludzkiego dzialania*. Warszawa: Panstwowe Wydawnictwo Naukowe.

- Milewska, E. (1991). *Związki kulturalne i literackie polsko-portugalskie w XVI-XIX wieku. (Studia i materiały)*, 3. Warszawa: Uniwersytet Warszawski, Centrum Studiów Latinoamerykańskich.
- Mlicki, M. K. (1988). Zagadnienia informacji i dezinformacji społecznej. In J. Rudnianski, & K. Murawski (Eds.), *Sposoby istnienia: działanie wobec siebie i innych* (pp. 125-140). Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy.
- Munné, F. (1993). *La Comunicación en la cultura de masas: Estudios sobre la comunicación, los medios y la publicidad*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias.
- Osadnik, B. (1994). Europa Środkowa a problemy bezpieczeństwa. In J. Przewlocki, & T. Rduch (Eds.), *Polska a przemiany współczesnej Europy: Z zagadnień międzynarodowych* (pp. 62-76). Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego.
- Rduch, T. (1994). Stowarzyszenie Polski z Europejską Wspólnotą Gospodarczą: Szanse i zagrożenia. In J. Przewlocki, & T. Rduch (Eds.), *Polska a przemiany współczesnej Europy: Z zagadnień międzynarodowych* (pp. 98-116). Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego.
- Risse-Kappen, T. (1994). The long-term future of European security: Perpetual anarchy or community of democracies? In W. Carlsnaes, & S. Smith (Eds.), *European foreign policy: The EC and changing perspectives in Europe* (pp. 45-60). London: Sage Publications.
- Seara, L. G. (1968). *Opinion publica y comunicacion de masas*. Barcelona: Ediciones Ariel.
- Shibutani, T. (1955). Reference groups as perspectives. *American Journal of Sociology*, 60, 562-569.
- Sikorski, J. (1979). Portugalia. In W. Sadzikowski (Ed.), *Hiszpania, Portugalia, Grecja, Turcja: Ocena rozwoju gospodarczego i stosunki z Polska* (pp. 101-159). Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Ekonomiczne.
- Smith, M. (1994). Beyond the stable state? Foreign policy challenges and opportunities in the New Europe. In (W. Carlsnaes, & S. Smith (Eds.), *European foreign policy: The EC and changing perspectives in Europe* (pp. 21-44). London: Sage Publications.
- Smith, S. (1994). Foreign policy theory and the New Europe. In W. Carlsnaes, & S. Smith (Eds.), *European foreign policy: The EC and changing perspectives in Europe* (pp. 1-20). London: Sage Publications.
- Sousa, E. S. (1991). Dos conteúdos representacionais às representações sociais. *Análise Psicológica*, 9 (1), 25-32.
- Swiatkiewicz, O. (1993). *Relações económicas entre Portugal e a Polónia e as actividades da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Polaca*. Comunicação para o Encontro de Jovens Empresários e Gestores. Lisboa: Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã. Texto não publicado.
- Szura, O. (1994). Problematyka ludnościowa w polskiej polityce zagranicznej a proces jednoczenia się Europy. In J. Przewlocki, & T. Rduch (Eds.), *Polska a przemiany współczesnej Europy: Z zagadnień międzynarodowych* (pp. 117-132). Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego.
- Tajfel, H. (1982). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In A. Knoke et al. (Eds.), *Mudança social e psicologia social* (pp. 13-24). Lisboa: Livros Horizonte.
- Vala, J. (1993). Representações sociais – para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia social* (pp. 353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vala, J. (1993a). As representações sociais no quadro dos paradigmas e metáforas da psicologia social. *Análise Social*, 123/124, 887-919.
- Zalewski, M. (1994). What's new? Feminist observations on the New Europe. In W. Carlsnaes, & S. Smith (Eds.), *European foreign policy: The EC and changing perspectives in Europe* (pp. 223-237). London: Sage Publications.
- Ziolkowski, M. (1989). *Wiedza, jednostka, społeczeństwo. Zarys koncepcji socjologii wiedzy*. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe.

## RESUMO

A mudança no antigo bloco de Leste é um facto com múltiplas implicações. Um dos países que dinamicamente encetou as mudanças em 1989, não poupando esforços para se integrar no resto da Europa foi a Polónia. A resposta efectiva e não aparente da Europa Ocidental às expectativas da Polónia pode ser obtida analisando o senso comum, ou mais especificamente as representações sociais da Polónia em diversos países. O caso particular que interessa ao autor são as representações sociais da Polónia em Portugal. Antes, porém, deve-se conhecer o contexto específico em que são geradas estas representações ou imagens. Este contexto diz respeito sobretudo às fracas relações luso-polacas e ao papel determinante dos meios de comunicação social.

*Palavras-chave:* Mudança na Polónia, relações luso-polacas, meios de comunicação social, representações sociais, senso comum, integração Europeia, análise de contexto.

## ABSTRACT

The changes in the former Eastern Countries are a fact with multiple implications. One of the countries, which has dynamically started to implement the changes in 1989, was Poland. At the same time this country is trying by all means to participate in the process of European integration. The real not the apparent answer

of Western Europe to Poland's expectations may be found by analysing the common sense, strictly speaking, the social representation of Poland in different countries. The author is particularly interested in the social representation of Poland in Portugal. Prior to this one should know the specific context in which these representations or images are created. This context is mainly connected with the weak Portuguese-Polish relationships and with the determining role of the mass media.

*Key-words:* Changes in Poland, Portuguese-Polish relationship, mass media, social representations, common sense, European integration, context analysis.

## RESUME

Le changement dans l'ancien bloc de l'Est est un

fait avec beaucoup d'implications. Un des pays qui, dynamiquement, a entrepris les changements en 1989, sans épargner des efforts pour s'intégrer dans le reste de l'Europe, a été la Pologne. La réponse effective, et pas apparente, que de l'Europe occidentale, aux attentes de la Pologne peut être obtenue en analysant le sens commun, ou, plus spécifiquement, les représentations sociales de la Pologne en divers pays. Le cas particulier qui intéresse à l'auteur est celui des représentations sociales de la Pologne au Portugal. Cependant, on doit avant tout connaître le contexte spécifique où ces représentations ou images sont engendrées. Ce contexte concerne surtout les faibles relations luso-polonaises et le rôle déterminant des moyens de communication sociale.

*Mot-clés:* Le changement dans la Pologne, relations entre le Portugal et la Pologne, moyens de communication sociale, représentations sociales, sens commun, intégration européenne, analyse du contexte.